

NEOPLASIA MAMÁRIA EM GATA POR USO DE CONTRACEPTIVOS: RELATO DE CASO

**MAURICIO ANDRADE BILHALVA¹; JÉSSICA MARONEZE SZIMINSKI²;
MARIA LAURA DA ROSA DAL ROSS³; CLÁUDIA REGINA BIERHALS PEGLOW
ISNARDI⁴; HELENA PIÚMA GONÇALVES⁵; MARLETE BRUM CLEFF⁶**

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricioandradebilhalva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maronezej@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – maria.laura.ross@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - claudiapeglow@bol.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – helenapiuma@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - marletecleff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos felinos domésticos, os tumores mamários correspondem a uma das neoplasias que mais afetam essa espécie, sendo mais comumente diagnosticada em fêmeas com idade avançada, no entanto, podem surgir tumores mamários malignos ou não em todos os estágios da vida (FILGUERA et al., 2014), sendo que raramente acometem felinos machos. Além disso, de acordo com o levantamento de FILGUERA et al. (2014) e TOGNI et al. (2013), os animais sem raça definida costumam ser os mais afetados.

De acordo com a literatura, a utilização de hormônios, pseudociese, obesidade e alimentação rica em lipídeos na fase jovem, podem estar envolvidos na etiologia dos tumores de mama (SANTOS et al., 2004). O uso de contraceptivos hormonais injetáveis tem sido citado como um dos principais fatores associado ao desenvolvimento de neoplasias mamárias malignas em gatas, opção contraceptiva comumente utilizada pelos tutores de gatas domésticas, a fim de evitar proles indesejadas (SILVA et al., 2020). Além disso, o uso desses contraceptivos pode resultar em outros efeitos colaterais graves para o animal como piometra, abortos, diabetes mellitus e dermatopatias (SILVA et al., 2020; FERNANDES et al., 2020).

No Brasil, não há muitos dados referentes a neoplasia mamária em felinos domésticos, o que dificulta o esclarecimento da real casuística da enfermidade no país. Entretanto, segundo a literatura o adenocarcinoma mamário é o tumor maligno que mais afeta esses animais, apresentando crescimento rápido e importante potencial metastático para os linfonodos regionais e pulmões (FILGUERA et al., 2014; SANTOS et al., 2004; TOGNI et al., 2013).

Assim, o objetivo desse trabalho foi de relatar o caso de uma felina acometida por neoplasia mamária em decorrência da utilização de injeções de progestágenos, além de chamar atenção para a gravidade da afecção que pode inclusive levar a óbito.

2. METODOLOGIA

Foi atendida na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) uma felina de 1 ano de idade e não castrada. Na anamnese, o tutor relatou que a levou ao ambulatório veterinário devido ao aumento de volume nas mamas. Segundo o mesmo, iniciado há cerca de 40 dias atrás, além da paciente também apresentar oligodipsia, apatia, anorexia e aparentemente febre.

No exame clínico, a paciente apresentou-se desidratada (grau 6-7), com mucosas ressecadas e pálidas. As mamas apresentavam-se ulceradas e doloridas (Figura 1), e os linfonodos axilares e inguinais mostravam-se reativos. A respeito dos parâmetros vitais, verificou-se temperatura retal de 39,4 °C e frequência cardíaca 200bpm/min.

Ao questionar o responsável pelo animal quanto ao uso de medicamentos, foi relatado que havia sido realizado duas aplicações injetáveis de progestágenos, com intervalo de dois meses, a fim de evitar que a fêmea felina procriasse, já que esta tinha acesso livre à rua. Como medicações a paciente recebeu fluidoterapia (Ringer Lactato), dipirona, tramadol e amoxicilina como terapia de suporte e, foi encaminhada para o Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV –UFPEl) para realização de exames hematológicos e de imagem.



Figura 1: Aspecto da região abdominal e das mamas da paciente com tumorações eritematosas e ulceradas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ter sido atendida no ambulatório, a paciente foi a óbito, provavelmente devido ao estado avançado da afecção, recebendo o diagnóstico presuntivo de neoplasia mamária, provavelmente maligna, por uso de injeções contraceptivas de progestágenos.

Os métodos contraceptivos mais utilizados costumam ser a ovariossalpingohisterectomia (OSH) e a utilização de injeções hormonais (SILVA et al., 2020). A OSH é o método mais seguro para evitar as gestações indesejadas, além disso, diminui drasticamente as chances das fêmeas desenvolverem neoplasias mamárias, dependendo do período que for realizada. As gatas não castradas apresentam sete vezes mais chances de desenvolver tumores mamários, em relação às submetidas à cirurgia de castração (FILGUERA et al., 2014). Dessa forma, tem sido recomendado que o procedimento seja realizado até os 12 meses de idade, porque quando a cirurgia é feita nesse período, a chance da doença ocorrer na vida adulta é muito menor, entretanto, quando a cirurgia é realizada após os 24 meses de idade, não possui efeito preventivo para as neoplasias, porém minimiza a ocorrência de afecções do trato reprodutivo (FILGUERA et al., 2014; SILVA et al., 2020).



A injeção de progestágenos, no entanto, tende a ser utilizada por significativa parcela da população, principalmente aquelas com menor poder aquisitivo, devido ao fato destes terem um baixo custo, não haver controle de venda por prescrição médica veterinária, além de serem de fácil aplicação, tanto pelos próprios tutores como por atendentes de lojas e agropecuárias. Além disso, a maioria dos tutores desconhecem os perigosos efeitos colaterais dessa aplicação, que pode até mesmo levar ao óbito do animal (SILVA et al., 2020; FERNANDES et al., 2020). Essas informações corroboram com a situação da paciente em questão, a qual estava sob tutela de pessoas que residem em uma comunidade carente do município de Pelotas e que não tinham informação acerca dos riscos e efeitos adversos a partir do uso do fármaco.

De acordo com FERNANDES et al. (2020), os mecanismos de ação dos progestágenos para inibir o comportamento sexual e atividade reprodutiva, incluem a inibição dos hormônios gonadotróficos, secreção de estrogênio, interdição do crescimento folicular ovariano e ovulação. Sendo que o megestrol, medroxiprogesterona e a proligestona são moléculas comumente utilizadas (FERNANDES et al., 2020), mas neste caso a responsável pela felina não soube informar qual fármaco foi administrado.

Chama a atenção no caso, a idade da paciente e o rápido desenvolvimento da neoplasia, além do número de aplicações do fármaco num curto período de tempo. Segundo a literatura, as aplicações de progestágenos exógenos incitam a síntese de hormônio do crescimento na glândula mamária e proliferação das células epiteliais no tecido, provocando hiperplasia mamária, que pode ocasionar erros genéticos originando tumorações malignas. A utilização regular dessas injeções hormonais, para prevenção do estro, podem aumentar em três vezes as chances de surgimento de carcinomas mamários (DIAS et al., 2013; FILGUERA et al., 2014).

De acordo com SANTOS et al. (2004), os nódulos tumorais podem ser únicos ou múltiplos, podendo estar ulcerados ou não, e a gravidade da doença pode estar relacionada com o diâmetro da massa neoplásica, valendo-se de fator prognóstico, sendo assim, quanto maior o tumor, menor a expectativa de vida. Além disso, as lesões podem secretar material semelhante ao leite materno, corroborando com os dados do presente relato, onde a paciente apresentava secreção nas mamas e múltiplos nódulos ulcerados.

A paciente deste relato era SRD, o que está de acordo com a literatura, onde a maioria dos estudos indicam as felinas SRD como as mais afetadas, entretanto, alguns levantamentos indicam que as gatas siamesas podem ser bastante acometidas por carcinomas mamários, o que pode estar relacionado com uma herança genética ligada a doença nesses animais (FILGUERA et al., 2014; TOGNI et al. 2013).

4. CONCLUSÕES

O uso de progestágenos pode provocar neoplasias mamárias em fêmeas felinas jovens, de forma bastante agressiva. A prevenção da ocorrência de neoplasias mamárias em gatas é um desafio para os médicos veterinários, especialmente entre as pessoas de menor poder aquisitivo, devido ao baixo custo e a praticidade das injeções anticoncepcionais, associado à falta de conhecimento a respeito dos riscos.

É importante conscientizar os tutores a respeito do assunto desde o primeiro contato com o médico veterinário, e informá-los da importância da



ovariosalpingohisterectomia (OSH) como método mais seguro de prevenir a reprodução indesejada. Por fim, a detecção precoce dos tumores mamários é um importante fator prognóstico a favor da sobrevida das pacientes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, L. G. G. G.; OLIVEIRA, M. E.; DIAS, F. G. G.; CALAZANS, S. G.; CONFORTI, V. A. Uso de fármacos contraceptivos e seus efeitos adversos em pequenos animais. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer** - Goiânia, v.9, N.16; p.2077, 2013.

FERNANDES, E. R. L.; MELO, W. G. G.; SOUSA, M. P.; CHAVES, L. D. C. S. C.; SILVA, L. N.; COSTA, T. M.; LEITE, D. F. S. S. Uso de fármacos contraceptivos e seus efeitos colaterais em cães e gatos: revisão de literatura. **Revista Científica de Medicina Veterinária**, Ano XVII, n.34, 2020.

FILGUEIRA, K. D.; OLIVEIRA, I. V. P. M.; MACÊDO, L. B.; PIMENTEL, M. M. L.; REIS, P. F. C. C.; JÚNIOR, A. R. Estudo epidemiológico, clínico e terapêutico de gatas portadoras de neoplasias mamárias. **Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**; v.12, n.42, p.470-478, 2014.

SANTOS, P. C. G.; COPPIETERS, C. C.; BARBEIRO, D. A. F.; BARCELOS, F. Adenocarcinoma mamário em felinos. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, n.3, 2004.

SILVA, F. L.; SILVA, C. R. A.; CASTRO, L. R. M. S.; MELO, W. G. G.; ROCHA, A. O.; ARAÚJO, A. C.; RODRIGUES, K. E. R.; BRITO, T. K. P.; FERNANDES, E. R. L.; COSTA, T. M.; Avaliação das principais patologias relacionadas ao uso de contraceptivos em felinos e seus efeitos deletérios. **Pubvet**, Londrina, v.14, n.8, a639, p.1-5, 2020.

TOGNI, M.; MASUDA, E. K.; KOMMERS, G. D.; FIGHERA, R. A.; IRIGOYEN, L. F. Estudo retrospectivo de 207 casos de tumores mamários em gatas. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.33, n.3, 2013.